

O COTIDIANO DAS CIDADES: ASPECTOS PRESENTES NO CASO DE UM AMBIENTE ARARAQUARENSE

Anderson Miguel Cândido MORENO¹

Karine Dutra Rocha VIANA²

Resumo: O presente artigo é fruto de uma reflexão acerca das formas com que a paisagem urbana se (re)produz e se manifesta tanto no espaço físico da cidade quanto na percepção subjetiva das pessoas que transitam, habitam e/ou trabalham nele. Temos como objetivo específico refletir de que modo o projeto de revitalização urbana, instaurado na Avenida Sete de Setembro no município de Araraquara - São Paulo - transformou sua paisagem e as relações estabelecidas ali entre as pessoas umas com as outras. Para isso, utilizamos reportagens, a fala de pessoas que trabalham/vivem neste espaço, imagens e, principalmente, nossa própria observação participante da avenida. Finalmente, percebemos que o espaço nas cidades está sendo direcionado à produção capitalista. Observa-se que está sendo levada em consideração apenas a questão financeira que estes espaços podem oferecer e não as relações sociais que o espaço das cidades devem ocasionar.

Palavras-chave: Avenida Sete de Setembro. Paisagem urbana. Revitalização.

THE CITIES' QUOTIDIAN: ASPECTS PRESENTS IN THE CASE OF AN ENVIRONMENT ARARAQUARENSE

Abstract: This article is the result of a reflection about the ways in which the urban landscape (re) produces and manifests as much in the physical space of the city as in the subjective perception of the people who move, live and/or work in it. We intend, as specific objective, to reflect how the urban revitalization project, initiated in September 7th Avenue in the city of Araraquara - São Paulo, transformed its landscape and the relationships established there between people with one another. For that, we utilized reports, the speech of people who work/live in this space, pictures, and especially our own participant observation about the Avenue. Finally, we realize that space in the cities is being directed to capitalist production. It is observed that is being taken into account only financial issues that these spaces can offer and not social relations that the space of cities must lead.

Keywords: September 7th Avenue. Urban landscape. Revitalization.

¹Mestrando em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - a.m.moreno@bol.com.br

²Bolsista Fapesp. Mestranda em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901. Integrante do Núcleo de estudos e pesquisa sobre sociedade, poder, organização e mercado (NESPOM). Vínculo com o GEPAC (*Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia Contemporânea*)-karidutra@hotmail.com

Introdução

O presente artigo é fruto de uma reflexão acerca das formas com que a paisagem urbana se (re)produz e se manifesta tanto no espaço físico da cidade quanto na percepção subjetiva das pessoas que transitam, habitam e/ou trabalham nele. A partir disso, temos como objetivo específico refletir de que modo o projeto de revitalização urbana, instaurado na Avenida Sete de Setembro no município de Araraquara - São Paulo - transformou a paisagem desta avenida e as relações estabelecidas entre as pessoas e delas com esta nova paisagem. Como fonte de análise empírica, utilizaremos reportagens referentes a este processo, a fala de pessoas que trabalham/vivem neste espaço, imagens que possibilitem a visualização da paisagem a partir de diferentes momentos históricos, olhares e percepções distintas e, principalmente, nossa própria observação participante da avenida que é, além de nosso objeto de estudo neste artigo, um espaço em que transitamos, consumimos, e no qual participamos cotidianamente.

Na medida em que somos pessoas que compartilham, transitam e consomem no mesmo espaço em questão, notamos que já carregávamos algumas concepções sobre este e, conseqüentemente, sobre suas transformações. Por isso, demos ênfase, num primeiro momento, à reflexão sobre a nossa própria vivência. O artigo, portanto, é fortemente perpassado por nossas próprias perspectivas em relação às transformações ocorridas na avenida. Perspectivas essas de dois estudantes de mestrado em Ciências Sociais, na faixa etária de 20 a 25 anos, não nascidos em Araraquara, mas que transitam, consomem e interagem com o espaço da Avenida Sete de Setembro há cinco anos.

Ao irmos a campo, procuramos realizar entrevistas livres e abertas sem, contudo, ater-nos a uma técnica específica.

O formato mesmo do questionário, elaborado unilateralmente pelo pesquisador, bloqueia o surgimento de dados novos e inesperados. Quanto mais nos fechamos dentro de um quadro teórico rígido, mais veremos as respostas se limitarem a confirmar ou desmentir as hipóteses iniciais sem, contudo, abrir brechas ou espaço para a elaboração de outras hipóteses.

Já a técnica da entrevista livre, concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc. Sem dúvida, a entrevista livre, para não partir em todas as direções, deve ter um fio condutor, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado. Porém, dentro desse campo temático, tudo é pertinente, nada é desprezível. Muitas vezes,

não é unicamente aquilo que é dito explicitamente que é significativo. A maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa. Frequentemente é nessas dobras do discurso que se esconde a ambiguidade e a contradição entre o pensar e o agir que importa captar e desvelar. Os fragmentos do discurso, o “não dito” e o “mal dito” – por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais – são tão ou mais importantes quanto as respostas superficiais. (BRANDÃO, 1981, p.29-30).

Neste artigo, procuramos enfatizar, portanto, a prática da observação participante como uma de nossas principais fontes de análise. Desta forma, as falas de pessoas, que trabalham na referida avenida e que aparecem no artigo, fazem parte da descrição das nossas próprias experiências, não constituindo, portanto, o foco de análise. Outrossim, daremos ênfase, em conjunto com a análise do conceito de paisagem, ao uso de fotografias recentes e antigas da Avenida Sete de Setembro, uma vez que entendemos ser a fotografia uma das formas de apreender o espaço.

A partir de fotografias da localidade ou de relatos de moradores, o véu que se faz diante do pesquisador acerca de uma localidade ou de um grupo social começa a se tornar menos espesso. Quando unem-se ambas as ferramentas, mais a visão *in loco* do pesquisador, em trabalho de campo, as partes do quebra-cabeça começam a se revelar, cabendo, então, a partir do trabalho de pesquisa e do amplo estudo, no qual se insere o diálogo bibliográfico, estabelecer os seus nexos explicativos. (SOARES; SUZUKI, 2009, p.3).

Pretendemos no trabalho não traçar proposições acabadas sobre a realidade analisada, mas propor uma reflexão e análise crítica sobre os impactos que a paisagem, artificialmente modificada, pode acarretar à vida das pessoas que compartilham o mesmo espaço e que, ao mesmo tempo, não fizeram parte do processo de decisão que acarretou nas mudanças pelas quais o ambiente, em que se inserem, passou.

Avenida Sete de Setembro: um breve histórico

A Avenida Sete de Setembro é, juntamente com o bairro do Carmo, um dos lugares mais antigos de Araraquara. Historicamente, o comércio sempre foi a principal atividade desenvolvida neste lugar. Uma vez que a avenida era a via de saída e entrada na cidade e por conta do caráter de “passagem” que a avenida adquiriu, o comércio centrado no setor automotivo foi fortemente impulsionado. Contemporaneamente, ainda

se observa a existência de inúmeras lojas de autopeças, autoelétrica, bicicletarias, postos de gasolina, lojas de ferramentas, etc.

Figura 1–Zuza Auto Peças



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2– Auto Peças Pema



Fonte: Acervo pessoal.

A Avenida Sete de Setembro é, em Araraquara, emblemática para se entender a construção da história e da memória dos/as habitantes da cidade. A partir de meados do século XX, ela passa a contar com um número grande de lojas e armazéns familiares, já que os moradores da zona rural se dirigiam até ela para fazerem compras. “Alimentos, roupas, sapatos, selaria, grãos, enfim, tudo o que precisavam para sua subsistência encontravam no Supermercado Santa Maria, Marcelli, Loja do Baixinho, Selaria Olien e outros, no comércio da Avenida Sete de Setembro”. (SIMIONI, 2013, p.25).

Entre outras coisas, podemos perceber em construções mais antigas, a tendência que havia das famílias morarem em “sobrados”, ou seja, casas com dois andares, em que a parte de baixo era destinada ao comércio e a parte de cima às residências. Contemporaneamente, de acordo com a observação e pesquisa empíricas, notamos que tal realidade se transformou. Poucas famílias de comerciantes continuam seguindo esta tendência. A maioria das residências encontradas hoje na Avenida Sete de Setembro é ocupada por jovens universitários, que constituem o grande público-alvo das imobiliárias da cidade atualmente, ou por outras pessoas que não possuem

necessariamente algum tipo de vínculo com o comércio estabelecido embaixo de suas casas.

Ao longo dos anos, principalmente após a década de 1980, possivelmente em reflexo das crises do capitalismo ou como diz Harvey (1996), por conta da ascensão de um novo modo de produção, pautado na “acumulação flexível do capital”, planos econômicos como o Plano Cruzado, direta ou indiretamente reconfiguraram a dinâmica espacial das cidades em face de novos investimentos em infraestrutura direcionados a alguns locais e também pela falta destes investimentos em outros tantos lugares, transformando a paisagem e o espaço urbano rapidamente e em proporções globais. Cidades como Araraquara e espaços como a Avenida Sete de Setembro foram, neste sentido, lugares que passaram por essas transformações desde a década de 1980 até a data presente do ano de 2014.

Quando se diz que “muito comércio fechou”, percebemos na fala de Hokoma, bem como na fala de outros comerciantes “tradicionais”, presentes na avenida ainda hoje, que tal comércio pode ser entendido como aquele de tipo familiar, sendo que com essa “falência”, outros empreendimentos tomaram conta da avenida: surgiram muitos bares e restaurantes, fato que possibilitou o estabelecimento, por parte do governo da cidade, do “Centro Gastronômico de Araraquara” neste espaço. No entanto, com o tempo, o projeto de “centro gastronômico”, que até contava com uma placa sinalizando-o na avenida, não vingou, posto que, mesmo com o fechamento de vários estabelecimentos “tradicionais” ao longo dos anos, ainda assim, até hoje, há um número muito grande de lojas voltadas para o comércio de autopeças, muitos bares e lojas que ainda conservam o aspecto familiar. A permanência deste tipo de loja fez com que a prefeitura revisse sua pretensão de tornar a Avenida Sete de Setembro em “centro gastronômico”, para afirmá-la enquanto “centro comercial”, sua característica realmente mais marcante (detalhe da imagem: o local onde está hoje o monumento dedicado ao início do “Centro Comercial do Carmo” é o mesmo onde outrora esteve a placa com os dizeres de “Centro Gastronômico do Carmo”).

Figura 3 - Início do Centro Comercial do Carmo



Fonte: Acervo pessoal.

A população nunca soube, de fato, se aquela localidade era um “Centro Gastronômico”, ou um “Centro Comercial”, pois acreditamos que tal atitude para instalação de determinada nomenclatura não passou de mera classificação turística, e não de uma denominação pensada e elaborada por parcelas da sociedade política, civil e comercial da região.

Neste sentido, é interessante notar algumas reportagens que traçam a importância da Avenida Sete de Setembro na história e desenvolvimento de Araraquara. Segundo *O melhor do bairro* ([200-?], grifo nosso)³:

Um dos destaques também do bairro do Carmo é justamente sua artéria principal, a Sete de Setembro, berço do comércio em todo o bairro.

Os mais antigos do bairro ainda guardam na memória o comércio que ali se instalou no início. Citam eles que era comum os pequenos sitiantes, e as pessoas do campo, ao aportarem em Araraquara dirigirem-se até a Avenida Sete de Setembro.

Naquele local, incidente no início, como somente poderia ser, despontou quase que de imediato, e direcionando a maioria dos produtos ao homem do campo.

Selarias, lojas de artigos para homem do campo, estabelecimentos para a compra de suprimentos, tudo surgiu ali na Sete de Setembro, sendo vibrante seu movimento principalmente nos finais de semana.

³ A reportagem publicada no *site* provém dos “Arquivos” da Biblioteca Municipal de Araraquara. Não foi encontrada a referência da página e da data em que tal reportagem foi publicada ou impressa.

Era o homem de campo que chegava ciente de que ali encontraria “de um ao tudo”.

Era o homem do campo que chegava ciente que ali encontraria principalmente o respeito dos comerciantes.

Era a Meca para aonde se dirigia o homem do campo.

Mas com o tempo aperceberam-se os comerciantes que a evolução levava ao homem de campo a mais consumir, e o consumo direto abrangia principalmente os filhos, mais exigentes.

A transformação do comércio na Sete de Setembro então aconteceu, para gáudio de toda a comunidade. Hoje o homem do campo ali faz parada, principalmente porque não foi abandonado, e por dispor de incomensuráveis ofertas, desde para sua utilização, como para utilização no campo e com os animais.

Esta é a Sete de Setembro, cultuada por muitos, objeto de discussão quanto à mão única, que virá, pois o progresso e desenvolvimento do bairro dependem disto.

E o **progresso** e **desenvolvimento** do bairro prosseguem em ritmo acelerado, mostrando a toda a cidade a motivação de sua comunidade em colaborar para que Araraquara esteja sempre direcionada a cumprir seu papel, de liderança na região.

O Carmo é inquestionavelmente um dos sustentáculos da cidade de Araraquara, pois contribui com parcela significativa de impostos.

São os empresários do bairro que promovem esta arrecadação por parte do município, empresários do ramo do comércio e da indústria, cientes que estão colaborando para com o progresso e desenvolvimento da cidade.

O bairro através de sua comunidade toma consciência de que este reflete todo o potencial de desenvolvimento da cidade.

Percebemos, ao longo do texto, uma valorização da Avenida Sete de Setembro, principalmente, no que tange à sua possível colaboração para um dito “desenvolvimento” e “progresso” da cidade como um todo. E, neste sentido, ressalta-se a importância do “homem do campo” para a consolidação deste espaço de comércio, uma vez que foram e continuam sendo, em partes, os/as moradores/as da zona rural um dos principais públicos-alvo que o comércio da avenida pretende atender.

Outrossim, notamos que o tráfego de carros que antes ocorria em dois sentidos, foi limitado a uma mão única já que o tráfego intenso causava um número muito alto de acidentes na região. Com a instalação do SESC (Serviço Social do Comércio) próximo à avenida, bem como com o crescimento de outros bairros ao entorno, como o Quitandinha, e o aumento crescente da demanda de estudantes universitários que passaram a viver nas imediações da região, por conta da instalação e expansão do número de vagas da UNESP (Universidade Estadual Paulista), etc., a vida noturna se intensificou, principalmente, com a abertura de bares e restaurantes. Além disso, alguns estabelecimentos da avenida começaram a se “modernizar” esteticamente e tecnologicamente, a fim de atraírem este público jovem que vem crescendo, ao mesmo

tempo em que outras lojas antigas continuaram com a mesma aparência, causando imenso contraste para quem observa a paisagem da avenida.

O processo de revitalização

No ano de 2013, a prefeitura de Araraquara promoveu a “revitalização” da Avenida Sete de Setembro que consistiu, entre outras coisas, na pavimentação de uma parte da avenida, no alargamento das esquinas, na instalação de mobiliário urbano, na instalação de lâmpadas com iluminação mais clara, piso tátil⁴, plantio de coqueiros (efeito “coqueirização”) etc. Segundo notícia veiculada no início da revitalização:

Para Edson Casaut, Presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) e proprietário de um comércio na avenida, é preciso ter paciência nesse período de obras que vai enfraquecer as vendas. “Para o **progresso** é necessário esse transtorno”, ressalta. [...] O Presidente da Associação Comercial e Industrial de Araraquara (ACIA) Renato Haddad, está otimista com a requalificação da via e dará nova cara para o corredor comercial. “A avenida está quase intransitável. Só pela colocação do asfalto, já valeria, mas teremos o alargamento das esquinas e mobiliário e com certeza isso trará mais pessoas circulando no local e a tradição da via.” disse. No local, o comércio se divide em lojas de autopeças, calçados e lanchonetes. “Com as melhorias, mais lojas voltarão para a avenida e trará uma nova cara para aquele bairro”, finaliza Haddad. (COMERCIANTES..., 2013, grifo nosso).

De acordo com o texto acima e com outros relatos que tivemos em campo, sobretudo de lojistas, percebemos que a revitalização da avenida é pensada enquanto fator de desenvolvimento econômico e estético de sua paisagem. Dois lojistas, uma cabelereira e um dono de bar, instalados na avenida e em seu entorno há, em média, 10 anos, ao falarem sobre a revitalização, disseram-nos não terem sentido ainda impactos muito relevantes no que tange ao lucro costumeiramente obtido pelo comércio, no entanto, disseram que a avenida tinha ficado “melhor” e “mais bonita”.

Em relação à questão do progresso e do desenvolvimento salientados na fala das pessoas afetadas pelas obras da revitalização, como apontado pelas reportagens, é necessário, no entanto, colocar algumas problemáticas: no que diz respeito à pavimentação da rua com asfalto, observamos que havia uma demanda forte pelo

⁴ A instalação de tal piso tátil gerou um forte descontentamento, já que tal projeto não contemplou de fato os deficientes visuais, como era esperado. Apenas o piso tátil de alerta foi instalado, não havendo o piso direcional, ou seja, o mais adequado para o trânsito de deficientes visuais.

partido da oposição⁵ de que tal pavimentação não fosse feita, mantendo-se os bloquetes de concreto até então presentes ali. O argumento para sua manutenção era o de que além de conservar o aspecto histórico da avenida, eles contribuiriam para a questão ambiental, uma vez que por conta de a região não possuir galerias de águas pluviais, o material dos bloquetes propiciariam uma maior absorção da água.

Neste contexto, o descontentamento e o embate político da oposição decorreram, dentre outras coisas, porque teria sido um Deputado do PT, Edinho Silva, que teria conseguido, junto ao Ministério do Turismo, os recursos financeiros para a revitalização no valor de 780 mil reais, e, também por ter havido em 2012, uma Audiência Pública para se discutir o processo da revitalização, na qual havia sido decidida a manutenção dos bloquetes de concreto ao invés do asfalto, decisão que não haveria sido respeitada pelo poder executivo municipal (SIMIONI, 2013).

A partir da explanação sobre os processos urbanísticos pelos quais vêm passando a Avenida Sete de Setembro em Araraquara, entendemos que há uma série de contrastes e ambiguidades evidenciados tanto pelo próprio projeto de revitalização em si quanto pela opinião pública. Percebemos um quase total afastamento da esfera do governo municipal em relação às reais necessidades dos comerciantes da avenida, primeiramente pelo fato de terem instalado, há alguns anos, a placa que indicava a avenida como sendo o “centro gastronômico” de Araraquara, sendo que tal espaço nunca havia tido essa característica.

O projeto de revitalização, pelo que pudemos apurar, foi pensado e estruturado pelos governantes. Apesar de ter ocorrido uma Audiência Pública para decidir os rumos da revitalização, verificamos que na realidade tais decisões não foram efetivadas. A prefeitura de Araraquara ao trocar os bloquetes de concreto da rua pelo asfalto, indo contra uma decisão tomada na Audiência, mostra seu descompasso em relação às decisões legislativas, uma vez que se afirma enquanto maior instância de poder decisório, ou seja, evidenciamos o poder da esfera executiva sobre as demais. Conforme dito anteriormente, ao perguntarmos a opinião de alguns comerciantes com quem falamos, a maioria deles nos disse que a avenida havia ficado “melhor” e “mais bonita”. Os lucros do comércio não haviam aumentado significativamente, mas era “melhor” trabalhar em um ambiente “agradável”.

⁵ O partido de oposição, nesse caso, é o PT, uma vez que o partido do prefeito da cidade, Marcelo Barbieri, à época, era o PMDB.

Relações sociais na Avenida Sete de Setembro: interações de consumo

De acordo com Carlos (2005), o entendimento do processo de urbanização hoje está relacionado às “contradições”. Contradições que estão presentes entre a integração e a desintegração da vida cotidiana pelo empobrecimento das relações sociais, o enfraquecimento do pequeno comércio local, o esvaziamento das ruas pelos moradores, que são substituídos pelo automóvel, contradição entre uma cidade que atribui importância ao espaço enquanto valor de troca (cidade enquanto negócio) e o espaço enquanto valor de uso.

Neste sentido, pensamos, a partir da situação observada na Avenida Sete de Setembro, que todo o processo de revitalização pelo qual passou este espaço, apesar de tê-lo deixado mais “bonito”, não cumpriu uma série de requisitos para promover o “bem-estar” das pessoas que por ali transitam: a não instalação do piso direcional para deficientes visuais é exemplo de um desses aspectos.

Figura 4 - Foto da calçada da Avenida Sete de Setembro⁶



Fonte: Acervo pessoal.

Talvez para quem se locomova, principalmente, de carro, uma parte da avenida possa estar mais “atraente” para os olhos, pode ser também que novos estabelecimentos

⁶ Nota-se que o piso tátil termina em determinado momento. Detalhe também para o plantio de um “coqueiro”, e, conforme salientado anteriormente, o efeito de “coqueirização” presente na Avenida.

com “aspecto moderno” conquistem mais consumidores, como a academia *Habitus*⁷ ou o *Sebo Uraricoera*, que passou por uma grande reforma recentemente, porém, queremos enfatizar que estes locais, situados ao longo da avenida são estabelecimentos direcionados a todo tipo de consumo, seja de livros, de atividade física, de autopeças, calçado, serviços etc., mas sempre locais em que a relação entre as pessoas se estabelece a partir da chave “vendedor-consumidor” e não por meio de relações pautadas pela cidadania.

Figura 5 -Fachada do antigo “Cine-Coral”



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6 -Fachada da academia “Habitus”



Fonte: Acervo pessoal.

O mobiliário urbano instalado nas esquinas das ruas, por exemplo, fica cheio de pessoas, principalmente à noite, em lugares próximos a bares e lanchonetes. É comum ver pessoas que consumirem nesses bares depois sentarem nas esquinas para conversarem entre si.

O espaço urbano, neste sentido, continua fragmentado, uma vez que percebemos que a maior parte dos novos estabelecimentos, além de enfatizarem o ato do consumo, são direcionados a um público nitidamente de classe média. Assim sendo, pensamos de acordo com Carlos (2005) que a cidade, vista através da Avenida Sete de Setembro e seu entorno, é um espaço em que o “valor de troca”, pautado pelas diversas formas de

⁷ O local onde hoje está instalada a academia “Habitus” foi outrora o prédio do antigo Cine-coral.

consumo, se sobressai muito mais que o “valor de uso” do espaço. A avenida, a rua, não estimula a sociabilidade por si mesma, por ser um espaço público e gratuito, mas, ao contrário, produz segregação e marginalização, uma vez que os espaços de sociabilidade são, quase que exclusivamente, estabelecimentos privados, onde pessoas com algum nível aquisitivo se relacionam através do consumo.

Neste contexto, Carlos (2005) nos diz que o processo de reprodução do espaço da cidade revela uma nova relação Estado-espaço principalmente nas áreas centrais - através da realização de “parcerias” entre a prefeitura e os setores privados que acabam influenciando e orientando políticas⁸. Neste sentido, notamos que o Estado, no caso o governo municipal de Araraquara, ao promover a revitalização da avenida, priorizou em seu discurso o benefício econômico que os comerciantes iriam ter a partir da nova configuração desta parte do espaço urbano. Desta forma, notamos as contradições entre tentar integrar pessoas a um espaço de consumo e afastar aquelas que não são desejadas (moradores de rua, por exemplo), ou seja, aquelas que não irão consumir, que não irão utilizar dos mesmos meios de sociabilidade que os demais.

Os governantes e os parlamentares “reinem”, na expressão de Marilena Chaui, no corpo de relações de tutela e prestígio, próprias à nossa forma social, polarizada entre a carência e o privilégio, e praticam a corrupção sobre os fundos públicos. “Do ponto de vista dos direitos, há encolhimento do espaço público; do ponto de vista dos interesses econômicos, um alargamento do espaço privado”. Essa distorção se acentua com a privatização, no âmbito de uma política neoliberal. (DAMIANI, 2005, p.45).

A assertiva acima demonstra muito bem a reflexão que construímos ao longo dessa observação participante da Avenida Sete de Setembro. Enquanto moradores da cidade e frequentadores da avenida, observamos que as transformações ocorridas, ao longo dos anos, enfatizaram, sobretudo, as relações comerciais presentes neste espaço. O único elemento que poderia suscitar algum tipo maior de sociabilidade, por meio do espaço público, na região, são os equipamentos de ginástica a céu aberto localizados na Praça do Carmo, principal ponto de referência do bairro e lugar onde desemboca a própria avenida. No entanto, observamos que além de o público que frequenta este

⁸ Esta relação Estado- espaço que aparece nas políticas públicas que orientam os investimentos em determinados setores e em determinadas áreas da metrópole com a produção de infraestruturas e o “reparcelamento” do solo urbano através da realização de operações urbanas e da chamada requalificação de áreas.

espaço ser escasso, não há manutenção frequente destes equipamentos por parte do governo municipal. A praça é muito mais frequentada por conta das missas que ocorrem na Igreja, localizada no centro da praça, do que pelos espaços de convivência públicos que ali existem. Um dos motivos para isso é a presença, na praça, em determinados horários, de pessoas “mal encaradas”, como nos descreveu um dos comerciantes do entorno.

Figura 7 - Ponto na Praça do Carmo, onde se encontram os aparelhos de ginástica



Fonte: Acervo pessoal.

Ao nos confrontarmos com uma perspectiva complementar, como a suscitada pela concepção de “guerra dos lugares”, refletimos sobre as formas encontradas pelo poder público de reconfigurar a espacialidade de vários locais de acordo com seus interesses econômicos e, por vezes, também político.

Ao lado da busca pelas empresas dos melhores sítios para sua instalação, há, também, pelos próprios lugares, uma procura às vezes escancarada de novas implantações e um cuidado por reter aquelas já presentes (N. Smith, 1984, pp. 128-129; J. E. Sánchez, 1991, p. 150). Por sua vez, D. Harvey (1993, p.8) nos lembra que “a competição interlocal não é apenas pela atração da produção, mas também pela **atração de consumidores**, através da criação de um centro cultural, uma **paisagem urbana ou regional agradável** ou outro artifício”. A idéia de uma dupla estratégia das empresas e do poder público, lembrada por Julie Graham (1993) em relação às máquinas-instrumento (*machine-tools*), aplica-se a muitos outros ramos da atividade econômica e justifica a metáfora de “guerra dos lugares”. (SANTOS, 2008, p.248-249, grifo nosso).

Santos (2008), justamente ao citar Harvey, trazem-nos elementos para questionar: a que e a quem serve/pertence o espaço público? Cada vez mais o público se torna privado, os cidadãos, consumidores. A própria paisagem se torna um produto para os olhos e para as lentes fotográficas que hoje perpassam todo o cenário midiático e as relações interpessoais. A enorme veiculação de imagens pessoais em *sites* como *facebook*, *instagram*, etc. são evidências desse processo.

A rua converteu-se em rede organizada pelo/para o consumo. A velocidade da circulação de pedestres, ainda tolerada, é aí determinada pela possibilidade de perceber as vitrinas, de comprar os objetos expostos. O tempo torna-se o “tempo-mercadoria” (tempo de compra e venda, tempo comprado e vendido). A rua regula o tempo além do tempo de trabalho; ela o submete ao mesmo sistema, o do rendimento e do lucro. Ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo. (LEFEBVRE, 1999, p.28-29).

O papel que antes era exercido pelas ruas, como local da possibilidade do encontro, e de interações sociais entre as pessoas, passou a ter outra característica específica: a de ser ainda um ponto de encontro, todavia, com um viés econômico. Os cidadãos não vão mais às ruas para se encontrarem com seus semelhantes, mas sim para satisfazer suas necessidades de consumo; por casualidades as pessoas podem se deparar com alguns conhecidos seus, e, assim, trocar algumas poucas palavras, já que aquele não é um local que favorece um diálogo possivelmente demorado, mas sim uma conversa rápida, em uma localidade onde a velocidade da produção capitalista das cidades se dá de maneira evidenciada, que tende a contagiar as pessoas que por ali passam.

No caso da Avenida Sete de Setembro isso se dá de forma notória, pois a rua é bastante larga, enquanto que as calçadas são bem estreitas. A ideia que se tem da razão dessas características é a de que não há um convite para que as pessoas fiquem nas ruas, mas sim uma estratégia para que estas possam adentrar aos prédios comerciais ali localizados. O alargamento da rua é importante, pois, assim, há maiores disposições de lugares para o estacionamento de carros por ali mesmo, ao mesmo tempo em que se reduz o espaço de passagem, e de convivência entre as pessoas, pois, entendemos que não é interessante para o poder público, e para os lojistas, que as pessoas parem para conversar, e sim entrem nas lojas para comprar.

A população tende a viver em função do tempo, conforme nos lembra Milton Santos, e essa lógica se faz presente na logística da vida na Avenida Sete de Setembro. Santos nos mostra que os tempos da reprodução capitalista e da vida são distintos, contudo, a reprodução capitalista das cidades tende a se sobrepor à reprodução da vida (SANTOS, 2008). A cidade possui tempos desiguais, e nela coexistem produções do passado e do presente, e há transformações contínuas, porém lentas; não se apaga o existente, mas a tendência é que o interesse pela velocidade se sobreponha a esse processo. Podemos observar que essas características existentes no caso de Araraquara são semelhantes às aquelas presentes em outras cidades do interior paulista.

Com a predominância da função comercial e/ou de prestação de serviços, e ainda com a construção de calçadas, o que limita a vida da área central basicamente ao período diurno e aos dias úteis da semana, a área central degrada-se rapidamente, sendo comum a intenção da implementação de projetos de revitalização para o centro. (LANDIM, 2003, p.76).

A autora estuda casos específicos nas cidades de Piracicaba, Limeira, São Carlos e Bauru, e mostra que esses acontecimentos que relatamos como decorrentes em Araraquara são semelhantes àqueles que observamos na leitura do seu livro *Desenho de paisagem urbana: As cidades do interior paulista* (2003) onde a autora mostra que a homogeneidade da paisagem urbana das cidades de porte médio do interior do Estado de São Paulo pode ser compreendida com base em dois componentes: seus determinantes locais, fundamentados nas origens semelhantes das cidades, e as atuais aspirações da população por padrões das grandes cidades, considerados representantes de um status civilizado e moderno (LANDIM, 2003).

Considerações finais

A partir do que foi observado, estudado, e discutido percebemos que cada vez mais o espaço nas cidades está sendo direcionado à produção capitalista. Observa-se que está sendo levada em consideração apenas a questão financeira que estes espaços podem oferecer, e não as relações sociais que o espaço das cidades devem ocasionar. As pessoas estão sendo direcionadas a não permanecerem nas ruas, mas sim a buscarem interações sociais em outros ambientes, como em clubes, bares, e em outros ambientes que não aqueles corriqueiros aos seus cotidianos.

Há ainda o fato de que no bairro do Carmo a maioria dos seus residentes é idosa, e, estes quando morrem e deixam suas casas para seus herdeiros, muitos são aqueles que não querem residir na casa deixada por seus parentes, pela razão de já morarem em outros bairros, ou até em outras cidades. Isto pode ocasionar um possível esvaziamento do bairro enquanto ambiente residencial, podendo este vir a ser um local desabitado, onde existirão poucas relações interpessoais e apenas contatos sociais em localidades específicas onde o comércio se faz presente. Essa tendência apresentada não influencia em nada à arrecadação do município, pois os impostos estão sendo pagos havendo moradores na residência ou não, então não há preocupação por parte do governo em relação a essa particularidade do bairro do Carmo. Aquilo que é pretendido pelo poder público é a manutenção das aparências, e a busca pelo aumento do comércio na região, pois assim, as pessoas que ali transitam/consomem – e não as que por ali residem – podem se sentir bem acolhidas e bem atendidas. No entanto, não há preocupação com a manutenção e o convite para que ali haja locais onde pessoas queiram viver, e queiram se relacionar. Não há preocupação com a existência de um contato social primário na vida das pessoas, ou seja, aquele corriqueiro, comum ao cotidiano, mas há apenas o interesse em que existam contatos sociais secundários, que são aqueles ocasionais, em que há pouca interação, e, em sua maioria, contatos entre vendedores e compradores.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARLOS, A. F. A. A reprodução da cidade como negócio. In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (Org.). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005. p.29-37.
- COMERCIANTES estão otimistas com revitalização da Avenida Sete de Setembro. **Portal Araraquara.com**. Araraquara, 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://tinyurl.com/k3kgnc>>. Acesso em: 20 maio 2014.
- DAMIANI, A. L. A geografia e a produção do espaço da metrópole: entre o público e o privado. In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (Org.). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005. p.38-50.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LEFEBVRE, H. Da cidade à sociedade urbana. In: _____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999. p.13-30.

LANDIM, P. da C. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

O MELHOR do bairro do Carmo: um pouco de história. **O melhor do Bairro**. Araraquara, [200-?]. Disponível em: <<http://www.omb100.com/araraquara-carmo/historia>>. Acesso em: 19 maio 2014.

SANTOS, M. A produtividade espacial e a guerra dos lugares. In: _____. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2008. p.247-254.

SIMIONI, D. O bairro do Carmo e a revitalização da Avenida Sete de Setembro. **Portal Macro Ribeirão Preto**, Araraquara, 26 mar. 2013. Disponível em: <<http://tinyurl.com/q43zfhv>>. Acesso em: 19 maio 2014.

SOARES, F. C.; SUZUKI, J. C. Fotografia e história oral: imagem e memória na pesquisa com comunidades tradicionais. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 5., 2009, Santa Maria. **Olhares sobre o processo investigativo**. Santa Maria: UFSM: GPET, 2009. Disponível em: <<http://tinyurl.com/mk728vo>>. Acesso em: 19 maio 2014.